

82.09

9963a

Ex: 1

C92569207

ma-2006/1

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

CRISTIANA BRAGA GUIMARÃES

AMBIÇÃO: A LOCOMOTIVA QUE MOVE MACBETH E LADY MACBETH

Pontes e Lacerda - MT
2006

**BIBLIOTECA
CINEMAT**

Camp. _____ de Permuta _____ 13-MT

RG N.º 00114549

Data 25 / 07 / 06

() Compra ☒ Doação () Permuta

Camp de Penedas - Peneda-MT

RG N. 00114549

Data 25 / 07 / 06

() Compra ☒ Doação () Permuta

CRISTIANA BRAGA GUIMARÃES

AMBIÇÃO: A LOCOMOTIVA QUE MOVE MACBETH E LADY MACBETH

Trabalho de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentado ao Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Letras.

Orientadora: **Profª. Vanderluce Moreira Machado Oliveira**

Pontes e Lacerda
2006

Este trabalho de conclusão de curso foi apresentado e defendido perante a seguinte banca:

Vanderluce Moreira Machado Oliveira

Membro da banca

Membro da banca

Campus Universitário de Pontes e Lacerda – MT, junho de 2006.

Ao meu esposo Wanderson Martins Guimarães
que compreendeu meus momentos de ausência e
me apoiou durante essa longa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da sabedoria e por ter sempre estado comigo em todos os momentos de minha vida.

A toda minha família, e em especial a meu pai Antonio Joaquim Braga e minha mãe Maria Costa Braga, por terem me dado a vida e a oportunidade de desenvolver meus talentos.

A professora Vanderluce Moreira Machado Oliveira, minha orientadora, pelo apoio durante o processo de desenvolvimento deste trabalho.

Aos amigos, Cláudio Aparecido Souto e Cácia de Souza Moreira Souto e a todos que direta ou indiretamente contribuíram à realização desta etapa.

Macbeth excede-nos, em energia e tormento, mas também nos representa, e o descobrimos dentro de nós, cada vez mais vivo, quanto mais fundo mergulhamos.

(Harold Bloom)

RESUMO

O presente trabalho discorre sobre a Tragédia *Macbeth* de William Shakespeare. E aborda como tema central a ambição, que está associada a um desejo imoderado de se conseguir a qualquer custo aquilo que se quer. Esse assunto nos chama a atenção por ser antigo e novo ao mesmo tempo. Visto que, a humanidade parece movida pelo anseio de se conhecer, possuir e ir além do que lhe é permitido. É essa vontade audaciosa que faz com que nos identifiquemos com Shakespeare, que era essencialmente um superador de limites. Por isso, buscamos em Macbeth e sua esposa, a oportunidade de conhecermos um pouco mais sobre o caráter humano, bem como a chance de refletirmos sobre dois aspectos: Existem limites para ambição de Macbeth e Lady Macbeth? Será que eles estão mesmo dispostos pagar um alto preço por ela?

Por isso, embora essa peça de Shakespeare tenha sido escrita na renascença, o tema “ambição” ainda hoje é atual, isso porque o caráter e os sentimentos dos homens parecem ser iguais em todos os tempos, o que despertou o nosso interesse em saber como o dramaturgo inglês lidou com a mesma.

Palavras Chave: Shakespeare, ambição, Macbeth, Lady Macbeth.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1: WILLIAM SHAKESPEARE E A TRAGÉDIA <i>MACBETH</i>	11
CAPÍTULO 2: <i>MACBETH</i>	15
CAPÍTULO 3: O PODER MANIPULADOR EXERCIDO PELAS MULHERES DA PEÇA	21
3.1: LADY <i>MACBETH</i>	23
3.2: HÉCATE	27
CAPÍTULO 4: A IRONIA PRESENTE NA PEÇA <i>MACBETH</i>	31
CAPÍTULO 5: AMBIÇÃO EXTREMADA E INVERSÃO DE VALORES.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso aborda como tema central a ambição presente na Tragédia *Macbeth* de William Shakespeare. Esse assunto nos chama a atenção por ser antigo e novo ao mesmo tempo, pois a humanidade parece movida por um anseio de conhecer, possuir e ir além do que lhe é permitido. Por isso buscamos em *Macbeth* e sua esposa, a oportunidade de conhecermos um pouco mais sobre o caráter humano, bem como a chance de refletirmos sobre dois aspectos: Existem limites para ambição de *Macbeth* e *Lady Macbeth*? Será que eles estão mesmo dispostos pagar um alto preço por ela? Dessa forma, para uma maior compreensão, organizamos este trabalho em cinco capítulos:

No primeiro capítulo, falamos sobre o autor da peça William Shakespeare, o qual é considerado pela crítica como sendo um dos maiores escritores que mais representou o caráter e as personalidades humanas e suas mutabilidades. Além disso, apresentamos uma síntese da Tragédia *Macbeth*, contendo muitas informações importantes sobre a mesma e o conceito de ambição, visto que é o alvo de nosso estudo.

No segundo capítulo, cujo título é *Macbeth*, abordamos em um primeiro momento o caráter elevado do protagonista. Em seguida enfatizamos uma das características de Shakespeare que é o fato do mesmo utilizar-se muito do monólogo em suas peças para revelar ao público o que os personagens realmente sentem e como planejam agir. E por último falamos que nosso herói tem em si seu pior inimigo.

Posteriormente, em nosso terceiro capítulo, observamos o poder manipulador exercido pelas personagens femininas: as bruxas, *Lady Macbeth* e a deusa Hécate, na vida e nas ações do protagonista, no qual, demonstramos que se não fosse por intermédio dessas, *Macbeth*, mesmo no seu íntimo desejando a coroa real, não teria motivação suficiente para usurpar o trono e fazer tudo que fez, para se manter no poder.

No quarto capítulo, apresentamos a ironia presente na peça *Macbeth*, que além de ser mais um brilhante recurso utilizado por Shakespeare, ela é capaz de surpreender não apenas seus personagens, mas também nós seus fiéis leitores. Pois é através da mesma que nosso dramaturgo revela o caráter de seus personagens, em especial de *Macbeth* e tudo o que este é capaz de fazer para conseguir o que deseja.

No quinto e último capítulo abordamos o tema principal de nossa análise que é a ambição extremada. É ela que leva Macbeth e Lady Macbeth à inversão de valores. Nessa parte observamos o que alguém é capaz de fazer e de perder para conseguir o que almeja. De certa forma no que concerne à ambição e a superação de limites somos induzidos por Shakespeare a nos identificarmos com os personagens, principalmente com Macbeth, pois o mesmo através de suas ações , nos faz refletir sobre nós, o mundo que vivemos e as atitudes que tomamos frente as adversidades.

Ao final fazemos nossas considerações quanto aos resultados alcançados através do presente trabalho de pesquisa.

1. WILLIAM SHAKESPEARE E A TRAGÉDIA *MACBETH*

William Shakespeare nasceu no ano de 1564 em Stratford-on-Avon. Faleceu em 1616 com cinquenta e dois anos. Escreveu trinta e oito peças entre elas tragédias, comédias e outras obras. Além de ser considerado por Harold Bloom o centro do Cânone Ocidental, é consagrado no mundo todo como sendo o maior dramaturgo e um dos maiores escritores que já existiu.

Segundo Bloom (2001, p. 67-68): *A peculiar magnificência de Shakespeare está em seu poder de representação do caráter e personalidade humanos e suas mutabilidades.* Ou seja, apesar de Shakespeare ser o principal representante do Renascimento Literário Inglês sua obra é caracterizada pela análise psicológica do homem em conflito consigo mesmo e em uma esfera maior em relação ao Universo. Daí o universalismo de seus temas, sempre atuais, pois fala do ser humano enquanto Homem (de suas inseguranças, de seus sentimentos e medos) e ao Homem (seja qual for o tempo ou espaço, na luta contra os obstáculos, isto é, no confronto com seus limites).

Conforme Bloom (2000, p. 42-43): *Devemos a Shakespeare as nossas idéias sobre o que constitui o humano autêntico.* De acordo com o mesmo, existem dois modos diferentes de se explicar à grandeza shakespeariana. Para aqueles que pensam que a literatura é apenas linguagem, *a primazia de Shakespeare é um fenômeno cultural, produzido a partir de crises sociopolíticas.* Nessa visão Shakespeare, não foi o autor de suas obras: *estas foram escritas pela energia social, política e econômica da época.* O outro modo de se estudar a supremacia de Shakespeare é mais empírica e parte da idéia de que ele *é universalmente considerado o autor que melhor representou o universo concreto, em todos os tempos.*

Das quatro grandes Tragédias consideradas por Bloom: *Hamlet, Macbeth, Otelo e Rei Lear*, escritas por Shakespeare, o alvo de nosso trabalho será *Macbeth*, por vários motivos, dos quais, para nós o principal é a ambição. Que está associada a um desejo imoderado de se conseguir a qualquer custo aquilo que se quer. Esse tema nos chama a atenção por ser antigo e novo ao mesmo tempo. Visto que a humanidade desde o início dos tempos, parece movida por esse desejo de se conhecer mais e de descobrir novos horizontes, foi assim com os descobridores que navegaram com suas caravelas no passado e conquistaram terras nunca antes imaginadas. O mesmo aconteceu no período da renascença em que o homem foi colocado como o centro de todas as coisas, que se redescobriu e se renovou na arte, na cultura e no universo. E é esse espírito

ambicioso, que hoje faz com que nos aventuremos no espaço indo até a lua, e tentando chegar a outros planetas. É essa vontade audaciosa que faz com que nos identifiquemos com Shakespeare, pois conforme Anthony Burgess (1996, p. 93), William Shakespeare *era essencialmente um superador de limites, um escritor que gostava de ir além de seus predecessores, quer em intriga, em violência, ou em estrita beleza lírica*. Por isso buscamos em Macbeth e sua esposa, a oportunidade de conhecermos um pouco mais sobre o caráter humano e descobrimos até onde o casal é capaz de chegar para satisfazer sua ambição.

No que concerne à peça *Macbeth*, esta foi escrita entre os anos de 1605 e 1606, representada em 1606 e impressa em 1623. De acordo com alguns críticos, Shakespeare pode ter extraído sua fundamentação teórica, através das Crônicas da Inglaterra, Escócia e Irlanda de Raphael Holinshed, que por sua vez, pode tê-la extraído das *Scotorum Historiae* de Hector Boetius, na qual o herói se chamava Maccabeus. No entanto, Shakespeare não se prendeu apenas a esses fatos históricos, não os seguiu detalhadamente. Ele misturou personagens e acontecimentos com o objetivo de lhes proporcionar uma maior consistência dramática. De acordo com Burgess (1996, p. 92) Shakespeare, (...) *ocasionalmente pegava uma peça que já existia (...) e a reelaborava, sempre melhorando-a. Essa reelaboração era mais congenial a ele do que a invenção de novas tramas (...)*.

Macbeth é considerada uma das mais compactas entre as quatro grandes tragédias de Shakespeare, conforme Bárbara Heliodora (1998, p. 142): *Macbeth tem pouco mais de metade do total de linhas de Hamlet: Macbeth conta 2107, Hamlet 3924, e tanto Otelo quanto Lear tem mais de 3200*. Isso segundo Heliodora serve para demonstrar que para Shakespeare *não há regras a seguir; tanto o tipo de estrutura quanto o tamanho da obra variam com o tema tratado, e é o domínio desse mesmo tema que o poeta tem que produz os efeitos desejados*. (1998, p. 142). Em *Macbeth*, por exemplo, se destaca um cenário sombrio, onde predomina o sangue e a escuridão, porque é durante a noite que acontecem os crimes e as ações mais sinistras se desenvolvem.

A peça apresenta o período da ação simultâneo ao da escrita. De acordo com Bloom (2000, p. 634): *Macbeth apresenta uma espantosa unidade de enredo, personagens, tempo e lugar, costurados com mais perícia do que em qualquer outra peça shakespeariana*. A tragédia em questão, traz a história de Macbeth, um fiel general e primo do rei Duncan da Escócia. Ao voltar de uma vitoriosa batalha contra os que se rebelaram contra o reino, Macbeth se deixa impressionar pela previsão de que ele seria rei feita por três bruxas. Manipulado pela ambição

adormecida, despertada pelas feiticeiras e estimulado por sua esposa Lady Macbeth e consolidada pelas falsas profecias de Hécate, Macbeth ultrapassa seus limites, quando em cumplicidade com sua esposa aproveitam-se do fato de que Duncan seria seu hóspede aquela noite, para tramar e executar um terrível crime contra o “bondoso” rei. Ambos agem de forma cruel, pois não respeitam nem os laços sangüíneos que os envolvem. A cada ato que passa Macbeth se torna um “assassino sanguinário”. Depois de assassinar o rei, ele mata os camareiros reais que o acompanham e nestes coloca a culpa do crime. Nesse ensejo, por medo de serem também assassinados, os legítimos herdeiros, os príncipes Malcolm e Donalbain fogem. E, por isso são considerados por todos como mentores do crime. Desse modo, Macbeth é coroado rei e cumpre-se a profecia. No entanto, para se manter no poder ele é capaz de mandar matar todos aqueles que fazem com que ele se sinta ameaçado.

No que concerne, a tragédia *Macbeth*, Bloom (2000, p. 634-635) afirma que seria inadequado caracterizá-la como cristã ou anticristã, segundo o mesmo:

(...) Rei Lear é pré-cristã, Macbeth é estranhamente, pós-cristã (...). Apesar das alusões desesperadas feitas por vários personagens, Macbeth nega qualquer pertinência à revelação cristã. Macbeth é o “homem sanguinário” (...). Seus crimes nada têm de, especificamente, anticristão (...) A tragédia de Macbeth, assim como a de Hamlet, de Lear e de Otelo, é tão universal que um contexto estritamente cristão ser-lhe-á inadequado.

Sobre a citação acima, concordamos com o crítico literário, porque não teria sentido dizer que a peça é cristã nem anticristã, pois por mais “sanguinário” que Macbeth possa parecer, não podemos afirmar que ele seja um anticristo, visto que é a ambição, sua falha trágica que o leva a cometer tantos crimes, e isso não tem nada a haver com os valores cristãos. Isso porque de acordo com Anatol Rosenfeld (1996, p. 130-131):

(...) O palco de Shakespeare possui três planos (...) que já não representam lugares predeterminados (...). Ao contrário. (...) a ação tem plena atualidade (...); os heróis vivem a sua vida que já não é episódio, parte e reflexo da História Sagrada: vivem-na aqui e agora (...) num universo que não é mais ‘explicado’ transparente e ordenado, mas que, particularmente nas grandes tragédias, parece por vezes um mundo visto a partir da perspectiva subjetiva e angustiada dos heróis. Com efeito, cada peça de Shakespeare apresenta como que um mundo novo, diverso dos outros, visto a partir de um novo ângulo. Falta a moldura estável da cosmologia cristã, a ordem propriamente dita.

Como podemos perceber essa citação nos mostra claramente que não apenas em *Macbeth*, mas como em outras obras shakespearianas falta a cosmologia cristã, isso porque nosso autor faz parte do Renascimento, em que não se predomina mais o Teocentrismo, e sim o Antropocentrismo. Esse fator interfere na cultura, nas artes e em todo contexto social da época. Por isso, nas obras os heróis vivem sensações novas atuais, nas tragédias sofrem suas angústias, eles não representam mais apenas partes da História Sagrada em que as coisas são ordenadas e predeterminadas. A lugar para o novo, e Shakespeare sabe disso, por isso nos proporciona em cada uma de suas peças a oportunidade de conhecermos um universo diferente.

Portanto podemos concluir que não é por acaso que Shakespeare é consagrado no mundo todo como um dos melhores escritores que já existiu, e que não é à-toa que a peça *Macbeth* é a preferida de Harold Bloom, visto que tanto o autor, quanto sua obra nos oferece um mundo novo a ser descoberto. Conforme Bloom (2000, p. 26):

Shakespeare cria maneiras diversas de representar a mudança no ser humano, alterações essas provocadas não apenas por falha de caráter ou por corrupção, mas também pela vontade própria, pela vulnerabilidade temporal da vontade. Isso se encaixa perfeitamente com a tragédia *Macbeth*, visto que seu protagonista sofre a inversão de valores, porque se deixa levar, mesmo que inconsciente, pela vontade de possuir o poder, por isso se permite manipular pelas bruxas, por sua esposa e pela deusa Hécate. O que provoca a sua decadência.

2. MACBETH

Dos diversos personagens da peça: Rei Duncan, Malcolm, Banquo, Macduff, dentre outros, o que nos desperta interesse é o protagonista Macbeth, cuja trama leva seu nome. Ele é dotado de grande imaginação e tem na força física uma grande aliada. O que nos chama atenção no mesmo, é que ele, além de ser um dos generais do rei Duncan é primo deste. Já no início da peça, o comportamento ético de Macbeth se encaixa perfeitamente no que Aristóteles (s/d, v. 27, p. 205) vai chamar de homem de caráter elevado, segundo o mesmo a tragédia é a *imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada (...) distribuídos pelas diversas partes (do drama)*. Isso significa que nosso herói sustenta do início ao fim da trama, seu caráter nobre de combatente, de guerreiro, que não foge da luta.

Ainda em relação aos caracteres é fundamental destacar que para Aristóteles (s/d, p. 214) há quatro pontos que devem ser observados. *Primeiro e mais importante é que devem eles ser bons. E (...) há caráter quando as palavras e as ações derem a conhecer alguma propensão, se esta for boa, é bom o caráter.* A Segunda qualidade do caráter é a conveniência. A outra é a semelhança e a última é a coerência.

No que se refere aos caracteres acima, podemos dizer que nosso herói se enquadra perfeitamente nos mesmos. Primeiro ele é bom: Quando Aristóteles diz bom, não é no sentido de bondade e sim no sentido de se fazer bem feito, aquilo que lhe compete. E nisso o general Macbeth se destaca como o melhor. Isso podemos perceber na citação abaixo:

O implacável Macdonwald – bem talhado para rebelde, pois de vilanias tão acumulado pela natureza – das ilhas de oeste recebeu reforço de tropas irlandesas, e a Fortuna sorria-lhe à diabólica empreitada como maneira de soldado. Tudo debalde, pois Macbeth (...), com a brandida espada, fumegante da sangrenta carnificina, abre passagem como favorito do valor e enfrenta o miserável. Sem lhe dar bons dias, descose-o de um só golpe desde o umbigo até às queixadas, corta-lhe a cabeça, crava-a numa seteira. (SHAKESPEARE, 1996, p. 10)

Nesta citação temos uma amostra do que Macbeth é capaz de fazer para desempenhar seu papel de herói em campo de batalha. Ele se mostra determinado no que quer, pois com muita garra, luta e derrota o inimigo. Nosso protagonista se mostra tão certo em seus golpes e impiedoso para com os rebeldes, que causa espanto até no crítico Bloom (2000, p. 648), pois segundo o mesmo, ele não se lembra *de qualquer outra alusão, em Shakespeare, a alguém morto*

em consequência de um corte que o rasgasse desde o umbigo até o queixo, golpe cujo relato introduz a assombrosa ferocidade de Macbeth. Se esse relato apenas *introduz a ferocidade* do nosso protagonista, podemos então ter uma idéia do que Macbeth pode fazer para conseguir o que quer.

No que concerne à conveniência, Macbeth se mostra conveniente com o cargo de general nomeado pelo rei, pois ele apresenta um comportamento exemplar digno de honra. Tamanha é a sua ética que o mesmo é louvado pelo próprio rei. É o que vemos abaixo:

O rei soube, Macbeth, com alegria, de teu triunfo, e ao ler tuas façanhas no combate aos rebeldes, de tal modo competem nele espantos e louvores, que não sabe o que é teu ou seja dele. Assim que, mudo em tal conflito de alma, informa-se do resto da jornada, sempre a te ver, nas filas norueguesas, herói sem medo às lúgubres imagens da morte que semeavas. Mais frequentes do que a saraiva, amiúdam-se os correios; e cada qual celebra diante dele os prodígios que obraste na defesa de seu reino. (SHAKESPEARE, 1996, p. 16)

Nessa citação, vemos que Macbeth demonstra muita conveniência com o cargo que ocupa e muita competência aos olhos do rei. É um herói sem medo, que enfrenta tudo e todos, para alcançar seu objetivo, que até então é a defesa do reino.

No que tange a coerência, podemos dizer que Macbeth se mantém firme nos seus objetivos até o fim e apresenta-se muito coerente com suas ações. Visto que, quando era general, não se entregava por nada, se fosse necessário morria lutando. E isso não mudou mesmo quando se tornou rei. O espírito de guerreiro ainda continuou vivo dentro de si. É o que vemos na seguinte citação:

Não me entrego! Não beijarei o pó aos pés do jovem Malcolm; não ouvirei os arrenegos da canalha. Que embora a Dunsinane haja o bosque de Birnam avançado, e eu te tenha ante mim, que não nasceste de nenhuma mulher, hei de bater-me até o último alento. Eis-me coberto com meu broquel de guerra. Em guarda, pois, Macduff, e amaldiçoado o que dos dois gritar primeiro: "Basta!" (SHAKESPEARE, 1996, p. 107)

Em relação à citação acima, Macbeth mostra-se um homem honrado e muito coerente com suas ações, pois mesmo sabendo que seu fim estava próximo, porque havia se cumprindo as profecias feitas pelas bruxas, visto que a floresta de Birnam havia chegado a Dunsinane e que ele estava perante Macduff, o único que poderia matá-lo, pois nasceu de cesárea, mesmo diante

de tudo isso ele não foi covarde não se entregou, manteve firme sua Arete. Dessa forma ele provou possuir um caráter elevado.

No que se refere à tragédia *Macbeth* não podemos deixar de frisar, que *a priori*, observamos que nosso protagonista demonstra total fidelidade ao rei, é humilde e se coloca em plena disposição e tem como única meta defender a coroa real. Isso constatamos, através de suas próprias palavras ao rei:

(...) o serviço e a lealdade que vos devo pagam-se por si mesmos. Vossa parte é receber nossos deveres: estes são para o vosso trono e Estado, filhos e servidores, que não fazem mais do que aquilo que devem, ao fazerem tudo o que é para bem e honra de vossa Real pessoa. (SHAKESPEARE, 1996, p. 20).

Vemos aqui nesta citação o sentimento de satisfação e de dever cumprido de Macbeth, que sabe reconhecer seu lugar de servo perante o rei e, além disso, lhe demonstra total submissão. Isso vem ao encontro com o que diz Aristóteles (s/d, v.71, p. 212) no que se refere à tragédia, e conseqüentemente ao nosso herói trágico. Segundo ele:

É pois necessário que um mito bem estruturado (...) não passe da infelicidade para a felicidade, mas, pelo contrário, da dita para a desdita; e não por malvadez, mas por algum erro de uma personagem, a qual (...) propenda para melhor do que para pior.

Baseados nesta citação podemos dizer que Macbeth faz o seu papel de herói quando luta em defesa do reino, garantindo assim a paz, a felicidade e a mais perfeita ordem, porém como outros heróis trágicos, ele comete sua falha ou erro, quando se deixa levar pela ambição pela coroa. Isso se inicia quando ele e Banquo, fiéis generais do rei, encontram em uma charneca três bruxas que saúdam Macbeth com títulos nobres que ele ainda não possui:

1ª Bruxa: Salve, Macbeth! Salve, Tane de Glamis!
2ª Bruxa: Salve, Macbeth! Salve, Tane de Cawdor!
3ª Bruxa: Salve, Macbeth! Salve, que rei sereis um dia!
(SHAKESPEARE, 1996, p. 14)

Banquo ao ver que as bruxas preveram um glorioso futuro a seu companheiro, passa a interrogá-las sobre sua sorte, e para seu espanto elas o saudaram e profetizaram que ele não será rei, mas tronco de reis. Depois elas desapareceram no ar. Logo após, Macbeth foi surpreendido

por Ross e Angus, leais nobres da realeza escocesa, que trouxeram os agradecimentos reais pela batalha vencida e o saudaram de Tane de Cawdor, título este, merecidamente dado pelo rei devido aos serviços prestados e por demonstrar ser uma pessoa de confiança. Macbeth teve nisso a primeira confirmação das previsões das diabólicas bruxas.

Após essa confirmação, vemos que o protagonista fala consigo mesmo e revela-nos muitos de seus sentimentos mais íntimos. Isso porque o herói trágico é o herói da ação. Seja ela verbal ou física. Falar na tragédia é agir. Por isso, Shakespeare utiliza-se muito do monólogo em suas peças para revelar ao público o que os personagens realmente sentem e como planejam executar sua ação. Isso vem ao encontro com que diz Emil Staiger, pois segundo ele: *o monólogo comunica a intenção e as razões ocultas do agir. Esclarece-nos sobre como uma ação deve ser apreciada, quais as suas circunstâncias agravantes ou atenuantes* (1993, p. 143). Um exemplo bastante significativo e que se encaixa perfeitamente no que foi dito é o primeiro monólogo de Macbeth, no qual o mesmo nos deixa transparecer que a idéia de assassinar seu primo e rei já estava presente em seus mais íntimos pensamentos. Isso constatamos abaixo:

Esta insinuação sobrenatural não pode ser má, não pode ser boa. Se má, por certeza de sucesso me dá neste começo de verdade? Pois sou Tane de Cawdor. E se boa, por que assim cedo à imagem pavorosa que os cabelos me eriça e faz meu firme coração palpitar contra as costelas, fora do que é normal na natureza? Os temores presentes são mais fracos do que as horríveis imaginações. Meu pensamento, onde o assassinio é ainda projeto apenas, move de tal sorte a minha simples condição humana, que as faculdades se me paralisam e nada existe mais senão aquilo que não existe. (SHAKESPEARE, 1996, p. 18)

Nessa citação, percebemos que a “insinuação sobrenatural” das bruxas provoca uma inquietude muito grande no protagonista, o mesmo começa a observar os dois lados da moeda: o bem e o mal, ou seja, se o que as bruxas disseram é “mal”, por outro lado elas acertaram em suas previsões, pois ele já é Tane de Cawdor. E se receber esse título de nobreza já é bom, então ele passa a pensar na segunda profecia, a de que ele seria rei e isso o apavora, pois por mais que tente controlar sua imaginação, ela se mostra maior do que seus “temores”. Macbeth se sente paralisado e nos revela as suas intenções ocultas, deixando-nos perceber que possivelmente poderá agir quando nos declara “Meu pensamento, onde o assassinio é ainda projeto apenas”. Conforme Bloom quando Macbeth diz:

“A minha simples condição humana”, vários são os sentidos sugeridos pela palavra “simples”: único, isolado, vulnerável. A fantasmagoria em torno do assassinato de

Duncan será tão intensa que “nada existe mais senão aquilo / Que não existe”, e as “faculdades [...] paralisam”. A melodia dramática deste trecho, incapaz de escapar ao ouvido, é difícil de ser descrita. Macbeth fala consigo mesmo como se estivesse em transe, no limite entre o trauma e a profecia. Profeta involuntário do horror, ele antevê o que vai acontecer, embora o assassinato seja “ainda / Projeto”. (BLOOM, 2000, p. 654)

Baseados nisso, diríamos que a nosso ver as previsões das bruxas vieram despertar um sentimento adormecido, ou seja, que já existia no inconsciente de Macbeth e que só veio à tona, através das profecias das feiticeiras e foi tomando consistência a partir da primeira aparente confirmação, isto é, quando ele recebe o título de Tane Cawdor. Isso lhe deu de certa forma garantia de que a segunda profecia se realizaria, por isso, ele deu asas a sua profética imaginação, dando-nos a entender que possivelmente o assassinato contra o rei aconteceria. Isso porque segundo Heliadora (1998, p. 174) *Macbeth como Ricardo III trás o mal em si*. Ou seja, o herói é seu próprio inimigo. Essa é uma das inovações de Shakespeare em suas tragédias. De acordo com Heliadora (1998, p. 117) Hamlet foi à última tragédia *razoavelmente simples*, ou seja, que o protagonista tinha em seu antagonista seu maior inimigo. Conforme a mesma:

É comum falar-se das hesitações de Hamlet, mas Hamlet não traz a semente do mal, suas hesitações são centradas numa tarefa que não buscou.

Isto é, na peça *Hamlet* temos uma tragédia de vingança, pois a trama está centrada no assassinato do pai dele, quando este lhe aparece como fantasma e lhe conta a verdade sobre sua morte, dizendo que foi seu irmão Cláudio que o matou, e pede para ser vingado. A princípio o protagonista hesita, e faz de tudo para descobrir a verdade, pois tem medo de que o demônio use da forma de seu pai para enganá-lo. Porém consegue através de sua inteligência maquinar um plano que envolva uma peça de teatro cujo enredo é semelhante à história por eles vivida. Isso com o objetivo de observar as reações do seu tio, agora padrasto e rei, pois Cláudio a essas alturas já havia se casado com Gertrudes, mãe do nosso herói. Este, através da realização da peça de teatro, descobre que o espectro estava dizendo a verdade, e põe em andamento o seu plano de vingança contra Cláudio, seu antagonista.

Se em Hamlet a trama se desenvolve dessa forma em Macbeth há uma diferença como dissemos antes e gostaríamos de enfatizar, Hamlet tem no seu antagonista seu pior inimigo ao passo que Macbeth o carrega em si, isso porque segundo Heliadora (1998, p.142) tanto ele quanto outros personagens de Shakespeare como Antonio e Cleópatra têm em comum o fato de

serem (...) *protagonistas de imenso potencial, porém portadores de falhas que os tornam seus próprios destruidores*. Dessa forma, podemos concluir que Macbeth, carregava dentro de si as “sementes do mal”, ou seja, a ambição, que só veio “germinar” através das profecias manipuladoras das bruxas. E por mais que nosso herói tentasse “sufocar”, o desejo pela coroa foi maior.

3. O PODER MANIPULADOR EXERCIDO PELAS MULHERES DA PEÇA

Ao lermos a Tragédia *Macbeth*, observamos o poder manipulador exercido pelas personagens femininas; as bruxas, Lady Macbeth e a deusa Hécate na vida e nas ações do protagonista.

As primeiras a nos chamar a atenção, são as três bruxas. São elas que iniciam toda a ação. É delas a primeira aparição (em meio a raios e trovões) que temos na peça. Elas combinam de se encontrarem com Macbeth, em uma charneca antes do cair da noite, depois da batalha. No momento previsto elas aparecem a Banquo e a Macbeth como haviam dito. Possuíam uma aparência horripilante de assustar qualquer um, inclusive o general Banquo que se espantou ao vê-las, ele não sabia distingui-las ao certo o que realmente eram. É o que percebemos na descrição abaixo:

Quem são estas criaturas tão mirradas e estranhas? Não parecem habitantes da terra. Viveis?(...) Bem que dais mostras de compreender-me, pois as três a um tempo levais o dedo aos lábios descarnados. Mulheres deveis ser, embora as vossas barbas me impeçam crer que sois mulheres. (SHAKESPEARE, 1996, p. 14)

Antes mesmo que Banquo proferisse mais alguma palavra, as “medonhas criaturas” saudaram Macbeth de Tane de Cawdor e depois de Rei e falaram que Banquo não será rei, mas “tronco de reis”. Ao se confirmar o primeiro cumprimento, nosso herói fica esperançoso que o segundo também se realize. Mesmo este sendo aconselhado por seu amigo Banquo do perigo que é seguir as previsões das bruxas, Macbeth não lhe dá ouvidos e deixa se iludir. É o que vemos no diálogo abaixo:

Macbeth: Tane de Glamis, Tane de Cawdor... E o melhor virá depois. (...)
Crerás agora que teus filhos venham a ser reis, visto como as que me deram o tonato de Cawdor, prometeram a eles a coroa?
Banquo: Isso tomado a sério, poderia conduzir-nos a esperar vê-la posta sobre a tua fronte de já Tane de Cawdor. Mas é estranho! E muita vez, para perder-nos os agentes das trevas são verídicos: captam-nos com inocentes bagatelas por afundar-nos nos piores crimes. (SHAKESPEARE, 1996, p. 17)

Nesse diálogo vemos que Banquo se mostra mais cauteloso do que Macbeth em relação as previsões feitas pelas bruxas, ele não fica iludido e deixa-nos perceber, que sabe do que os

agentes das trevas são capazes quando querem arruinar alguém. Através de suas palavras: (...) *captam-nos com inocentes bagatelas por afundar-nos nos piores crimes*, temos a impressão de que é o próprio Shakespeare que anuncia o que vai acontecer com Macbeth.

Já por outro lado quando Macbeth diz: *Tane de Glamis, Tane de Cawdor... E o melhor virá depois. (...) visto como as que me deram o tonato de Cawdor*. Ele nos demonstra acreditar fielmente que será rei porque as bruxas já deram um dos títulos que prometeram. Em relação a isso, Bloom (2000, p. 650) afirma que:

Elas (...) levam-no a entregar-se, inteiramente, à sua ambiciosa imaginação. Auxiliadas por Lady Macbeth, convencem Macbeth a render-se, ou melhor, preparam-no para a tentação à violência profana que há de vir por intermédio da esposa. Baseados no que foi dito, acreditamos que se não fosse à previsão dessas, Macbeth, mesmo no seu íntimo desejando a coroa real, não teria motivação suficiente para fazer tudo que fez. Pois só fez, devido a dois motivos: primeiro acreditava cegamente que elas estavam certas que ele seria mesmo rei, e segundo, porque Lady Macbeth aproveitando-se de que Macbeth confiava nas previsões, contribui de forma significativa para que ele usurpasse o trono.

3.1 LADY MACBETH

A segunda personagem a despertar o nosso interesse é Lady Macbeth esposa do protagonista e sua cúmplice na peça. O primeiro contato que temos com ela ocorre na Cena V do Ato I, em que a mesma aparece lendo uma carta escrita por seu marido. Logo no início percebemos que Lady Macbeth embora seja uma personagem secundária, não deixa nada a desejar. De acordo com Bloom ela é uma personagem forte que Shakespeare tira logo da trama para não roubar a cena assim como faz com outros personagens de outras obras suas, como Mercúcio em *Romeu e Julieta* e faz da morte de Falstaff objeto do relato de terceiros, para impedir que Sir John ofusque em Hal 'certinho', no final de *Henrique V.* (2000, p. 633- 634).

Quando Lady Macbeth terminou de ler a carta escrita por Macbeth contando o encontro com as bruxas e dos títulos nobres que teria ela em seu primeiro monólogo deixou-nos perceber suas verdadeiras intenções, revelando-se uma pessoa extremamente ambiciosa e corajosa, decide manipular o marido tentando de todas as formas convence-lo a assassinar o rei. É o que vemos abaixo:

Glamis tu és e Cawdor; e hás de ser o que te prometeram. Mas receio a tua natureza, por demais cheia do leite da ternura humana, para que tomes, resolutamente, o caminho mais curto. Quererias ser grande. És ambicioso. Mas te falta a malvadez que deve secundar-te. A grandeza a que aspiras, desejarias obtê-la santamente.(...) Ah, grande Glamis, que o objeto que te grita 'É assim que tens de agir', caso cobices tê-lo. (...) Vem depressa, que eu verta em teus ouvidos minha coragem, bata com o vigor de minha língua tudo o que te aparta do círculo dourado com que a sorte e a ajuda sobrenatural parecem querer te ver coroado. (SHAKESPEARE, 1996, p.22-23)

Nessa citação vemos que Lady Macbeth é a “cabeça pensante” da peça, é estrategista, conhece a natureza do marido “cheia do leite da ternura humana” que segundo Heliodora quer dizer *pensar no outro, ser solidário, amar, pensar no grupo social, no benefício de todos.* (1998, p. 30). Lady Macbeth sabe das limitações do marido, o considera fraco, sabe que ele deseja ser rei, mas da maneira correta, por isso sente que cabe a ela encoraja-lo e induzi-lo a ação, isso porque de uma certa forma acredita que a “sorte e o sobrenatural” o quer vê-lo rei .

Na peça percebemos que não há limites para a ambição de Lady Macbeth, esta é capaz de tudo, até de invocar espíritos malignos que a ajude a realizar seus planos. Numa cena macabra lemos tudo com espanto, é como se ouvíssemos de verdade a própria personagem pronunciar estas palavras horríveis:

(...) Vinde, espíritos sinistros que servis aos desígnios assassinos! Dessexuai-me, enchei-me, da cabeça aos pés, da mais horrível crueldade! Espessai o meu sangue, prevenindo todo acesso e passagem ao remorso; de sorte que nenhum compungitivo retorno da sensível natureza abale a minha determinação celerada, nem faça a paz entre ela e o seu efeito! Vinde, ó vós, ministros do Mal, seja onde for que, em invisíveis substâncias, instigais o que é contrário aos sentimentos naturais humanos. (SHAKESPEARE, 1996, p. 23-24)

Nessa citação observamos que algumas características medievais ainda permanecem presentes nas obras shakespearianas, conforme Anatol Rosenfeld (1996, p.131-132):

(...) Shakespeare segue em certa medida a tradição anterior, cujo influxo espiritual (...) se notam nitidamente. Tudo isso, porém, é relativizado por uma visão de forte tendência secular e profana; os valores parecem concentrar-se na vida temporal e terrena. Isto é, quando Lady Macbeth invoca os espíritos malignos ela acredita fielmente que eles existem e irá ajudá-la, no entanto em nenhum momento tem a preocupação de que se aliando ao mal ela corre o risco de perder sua alma, ou seja, ela não tem a preocupação com a salvação eterna. Isso de acordo com Rosenfeld acontece com outros heróis trágicos shakespearianos, pois as desgraças que se abatem sobre eles não parecem preparação para a vida futura. São condições inescapáveis do único mundo em que, sem dúvida, vivem e sofrem. (1996, p.132). Ou seja, “aqui se faz aqui se paga”, não há uma preocupação com um julgamento divino, após a morte.

Depois de invocar os “espíritos assassinos” Lady Macbeth se torna obcecada no que quer aproveitando-se da oportunidade de que o rei dormiria em seu castelo, ela passou a manipular Macbeth, induzindo-o a assassinar seu nobre hóspede. Em um de seus diálogos com o marido deixou-nos perceber a provável impotência sexual do mesmo. O incrível é que até isso ela utilizou como arma para convencê-lo, quando diz:

Desde já me ponho a duvidar de teu amor. Tens medo de ser na ação e no valor o mesmo que és no desejo? (SHAKESPEARE, 1996, p. 28).

Nesta citação Lady Macbeth nos revela a possível impotência de Macbeth, isso pode justificar o fato de o casal não ter filhos. O curioso é que Macbeth em nenhum momento nega ou se defende das acusações de sua esposa ele ouve e nada diz. Seu silêncio pode ser a resposta, pois “quem cala consente”. Em relação a isso Bloom afirma que:

A ferocidade de Macbeth como máquina mortífera é maior do que a de outros facínoras shakespearianos, como o mouro Aarão, Ricardo III, Antônio e Coriolano, estes últimos com suas proezas romanas nos campos de batalha. A possível impotência de Iago estaria relacionada á humilhação de ter sido preterido por Cássio. Mas se a hombridade

de Macbeth foi tolhida, não há aqui um Otelo a ser culpado; a perda sexual, se é que ela existe, é causada por ele próprio, por uma imaginação de tal modo impaciente com a lentidão do tempo, que acaba por extrapolar cada evento. Pode ser esse um dos elementos por trás do escárnio expresso por Lady Macbeth, como se a hombridade de Macbeth só pudesse ser recuperada com o assassinato de Duncan adormecido, a quem Lady Macbeth não consegue matar por que o bom rei a faz lembrar o pai dormindo. (2000, p. 645)

Nessa citação notamos que Macbeth é considerado por Bloom como nada mais nada menos que o maior assassino criado por Shakespeare, o que podemos entender é que a suposta impotência de Macbeth pode ser provocada por ele mesmo e por sua impaciente imaginação que deseja muito ser rei, porém em curto espaço de tempo e isso faz com que ele extrapole demais suas energias a “cada evento”. Ao lermos a peça vemos que ele é o mais dedicado de todos os generais do rei, por isso é indicado a Tane de Cawdor, porém ao se dedicar tanto na vida profissional deixa a desejar na vida amorosa. Além disso, observamos que embora Lady Macbeth se mostre corajosa, decidida o simples fato de o rei lembrar seu pai dormindo já é motivo suficiente para ela não cometer o crime. Por isso ela manipula o marido para cometer o delito.

Macbeth hesita, pois além de ser primo e vassalo do rei aquela noite Duncan era seu hóspede. E como o próprio Macbeth diz ele:

(...) reina com tal brandura, exerceu sempre suas altas funções com tal pureza, que as virtudes que o exornam clamariam como anjos clarinantes contra o crime monstruoso do seu assassinato. (SHAKESPEARE, 1996, p. 27). Aqui vemos que Macbeth tem consciência que o crime contra o rei é grave daí sua hesitação, ele vive um conflito de valores. Como matar um rei que é tão bom e, além disso, é seu sangue? É aí que entra Lady Macbeth que usa toda a sua astúcia, utiliza-se de todo conhecimento que tem de seu marido, pois conhece todas as suas fraquezas e joga muito bem com as palavras pressionando-o de todas as formas, encorajando-o e arquitetando a trama é o que vemos no diálogo abaixo:

Macbeth: E se falharmos?

Lady Macbeth: Falharmos! Se susténs tua coragem, não falharemos. Quando esteja Duncan adormecido, ao que o terão depressa conduzido as fadigas da jornada, distrairei de tal modo com bebidas os seus dois camareiros, que (...) quando em sono mergulhados os dois como na morte, que não podemos nós contra o indefeso Duncan? Que não podemos por pôr à culpa do nosso crime? (SHAKESPEARE, 1996, p. 29).

Nessa citação vemos que a maquiavélica Lady Macbeth dá a cartada final, além de encorajar seu marido e agir como a mentora do crime, mostra-se astuciosa em preparar todo o cenário, ou seja, embebedando os camareiros do rei, para neles por a culpa e não despertar nenhuma suspeita sobre ela e seu marido. Macbeth não resiste a toda essa pressão, cai em tentação e comete o terrível ato, apunhala e mata o rei que é seu próprio sangue para usurpar o poder.

Portanto podemos dizer que a ambiciosa Lady Macbeth é uma das responsáveis direta por Macbeth cometer seu primeiro crime hediondo e com isso abrir as portas para uma carreira homicida que só termina com sua morte.

3.2 HÉCATE

Uma das influências culturais durante o Renascimento foi a retomada a tradição greco-romana. Sendo Shakespeare um autor renascentista o mesmo inspirou-se em temas e personagens da mitologia. Na tragédia *Macbeth*, temos a presença de Hécate:

Deusa lunar (...), está ligada aos cultos da fertilidade. Mas apresenta dois aspectos opostos: um, benevolente e benfazejo: preside às germinações e aos partos, protege as navegações marítimas, concede a prosperidade, a eloquência, a vitória, as ricas searas, as pescas abundantes (...). Em contrapartida, um outro aspecto é temível e infernal: Hécate é a deusa dos espectros e dos terrores noturnos (...) e monstros que infundem terror, é (...) a senhora das feitiçarias (...). (CHEVALIER, 2002, p. 484)

Hécate só aparece na trama após o assassinato do rei. Foi ela quem fez questão de confundir as segundas previsões a serem dadas a Macbeth, porque ficou com ciúmes das bruxas, por não a chamarem para participar das primeiras previsões, afinal de contas ela é a *senhora da feitiçaria* e em momento algum seu nome tinha sido exaltado. E através de suas confusas profecias ela tenta dar uma lição em Macbeth, pois este age em função das mesmas, confia muito em si e não tem prudência nenhuma. É o que vemos abaixo:

(...) e ali fabrico um sortilégio tão rico de artificiosa ilusão, que o afundará em confusão! Dará com pé à própria sorte, desprezará a mesma morte, e acima haverá de pôr da virtude e do temor e da prudência a esperança! Ora sabeis, a confiança em si, quando por demais, é a perdição dos mortais. (SHAKESPEARE, 1996, p. 64)

Nesta citação vemos do que uma deusa é capaz quando tem o orgulho ferido. Hécate se mostra vingativa e atinge os pontos fracos de Macbeth, pois sabe que ele não teme nada, tanto é que em nenhum momento demonstrou medo das horripilantes bruxas nem dos fantasmas, ele demonstra confiar muito em si, porém acredita fielmente nas previsões, e age, não fica parado nem passivo perante os acontecimentos. Conforme Bloom (2000) *Hécate, senhora dos feitiços, é a divindade da noite e, embora chame Macbeth de filho 'ingrato', na prática, os atos deste o tornam fiel seguidor da perversa feiticeira (...)*. Assim conhecendo o seu “filho” como ela conhece e sabendo do que ele é capaz, Hécate põe em prática seu maquiavélico plano.

Como a deusa havia dito, Macbeth volta à caverna para saber mais uma vez seu futuro, porém dessa vez, em combinação com as bruxas ela cumpre com o que havia prometido e

confunde as previsões. A primeira aparição é de uma cabeça armada de capacete que avisa para Macbeth ter cuidado com Macduff. A segunda aparição é de uma criança ensangüentada que lhe diz que nascido de mulher nenhum pode matá-lo. E por fim a última aparição, que é de uma criança coroada com uma árvore na mão, avisa que ele só será vencido quando a floresta de Birnam marchar rumo a Dunsinane. A única coisa que o deixa inquieto e perturbado é quando pergunta sobre Banquo e vê seu fantasma acompanhado de oito reis e o último traz um espelho que mostra muitos outros. No entanto, para esses assumirem ele teria que morrer, e de certa forma, o fato de saber que antes uma floresta andaria o tranquiliza. Macbeth subestima o destino e acha impossível que árvores possam obedecer a ordens humanas. Assim Hécate consegue o que quer: primeiro manipular e induzir Macbeth a tentar matar Macduff, pois o alerta contra o mesmo. Segundo tranquilizá-lo mostrando o que vai acontecer, mas de maneira distorcida, para que quando ele vier a descobrir a verdade o tempo já tenha passado e ele não consiga se defender.

Um outro exemplo de deus que tem seu orgulho ferido é Dioniso em *As Bacantes*, de Eurípides. Segundo Chevalier (2002, p. 340): Dioniso (filho de Zeus com Sêmele) é o *deus do vinho, dos frutos, (...), ele é aquele que distribui a alegria em profusão (...). Gênio da seiva e dos jovens brotos, (...) é também o princípio e o senhor da fecundidade animal e humana*. Ele se sente ultrajado quando Cadmo (seu avô materno) entrega a Penteu o trono de Tebas, e este último não lhe presta culto nem o considera um deus. É o que vemos abaixo:

Ora Cadmo entregou as honras da realeza a Penteu, de sua filha nascido, que declarou guerra aos deuses na minha pessoa e me expulsa das libações, sem nunca se lembrar de mim nas suas preces. É por esses motivos que eu vou demonstrar, a ele e a todos os Tebanos, que sou um deus. Para outra terra dirigirei os meus passos, depois de reduzir esta à ordem devida, pela revelação da minha pessoa. Mas se a cidade de Tebas procurar, na sua fúria, e pela força das armas, trazer as Bacantes das montanhas, entrarei em combate, lutando juntamente com as Ménades. É por isso que tomei o aspecto de um mortal, e abandonei a minha forma, mudando-a para a da figura humana. (EURÍPIDES, s/d, p. 41-42)

Nessa citação observamos que tamanha é a indignação de Dioniso, que este é até capaz de assumir a forma humana e lutar ao lado das Ménades se preciso for, caso o povo Tebano use de armas para capturarem as Bacantes das montanhas (suas fiéis seguidoras).

Segundo Costa et al. (1988) *Baco e Penteu são primos-irmãos. Baco pode ser entendido como um usurpador (tirano) no âmbito profano de Penteu; no âmbito sagrado de Baco, Penteu é que aparece como usurpador (tirano)*. Ou seja, quando Dioniso assume a forma humana, este na

visão de Penteu não é considerado um deus e sim um impostor ou estrangeiro que se faz passar por deus, e o fato de possuir uma grande beleza contribui para que ele induza as mulheres de Tebas a lhe prestar culto. Por outro lado, para Dioniso é Penteu o *usurpador (tirano)* que impede o povo Tebano de lhe reverenciar.

É importante frisar que além do orgulho ferido, há uma semelhança muito grande no que refere a simbologia entre a deusa Hécate em *Macbeth* e Dioniso em *As Bacantes*, pois segundo Chevalier (2002, p. 485) Hécate: *simbolizaria o inconsciente, onde se agitam feras e monstros: o inferno vivo do psiquismo*. E Dioniso: *Simboliza as forças obscuras que surgem do inconsciente* (2002, p. 341). Isso quer dizer que nas peças em questão, ambos representam o inconsciente de seus protagonistas. Em *Macbeth*, Hécate representa seus desejos ocultos e malignos, sua ânsia pelo poder, ou seja, sua ambição pela coroa. Na peça *As Bacantes* Dioniso simboliza o desejo oculto que Penteu tem de ver como as Bacantes agem nos rituais Báquicos. Isso podemos constatar através das próprias palavras de Baco: *É a ti que eu falo, a ti que estás ansioso por veres o que não deves, por alcançares o que não havias de procurar a ti, Penteu! (...)*. (EURÍPEDES, s/d, p. 81). Ao ler a obra percebemos que Penteu tem o objetivo de flagrar as Bacantes em seus louvores, para saber seus pontos fracos e posteriormente dominá-las. Tamanho é o seu anseio, que ele se deixa levar por Baco em meio a delírios oscilantes, veste-se como uma Bacante e é conduzido pelo deus até o local onde as Ménades estão. Lá ele é assassinado por sua própria mãe.

De acordo com Costa et al. (1988): *N'As bacantes, as catástrofes centram-se no limites da razão (...). Penteu passa do racional ao irracional; Agave, do irracional ao racional. (...) Ou seja, Penteu age racionalmente quando mantém sua idéia de não prestar culto a Dioniso. E o mesmo age irracionalmente quando se deixa seduzir pelas doces palavras de Baco, pelo vinho e pelo seu desejo oculto de espionar as Bacantes. Agave, mãe de Penteu passa do irracional ao racional, quando através dos encantamentos de Dioniso ajunta-se as Ménades na floresta e tem a ilusão de caçar e matar um leão, sendo que na verdade está caçando e matando seu próprio filho. Ela passa para o racional quando chega a Tebas e começa a conversar com seu pai Cadmo só assim o delírio passa e ela tem o reconhecimento que a cabeça de quem julgava ser de um leão era na verdade a de seu único herdeiro.*

Em relação a *Macbeth* podemos dizer que, ele passa do irracional quando se deixa levar pelas falsas previsões das feiticeiras e por sua ambição extremada que faz com que ele inverta

seus valores. Ele passa para o racional quando ocorre o reconhecimento, ou seja, que havia sido enganado pelas distorcidas profecias feitas pelas bruxas.

Sendo assim, podemos dizer que em *As Bacantes*, o erro ou falha trágica de Penteu foi não ter prestado culto a Dioniso. E o que provocou sua ruína foi o fato de se deixar levar pelo seu desejo inconsciente de ver e capturar as Bacantes. E em *Macbeth*, o erro do herói foi ter se deixado levar pelo desejo ilimitado de ser rei e de permanecer governando.

Portanto podemos concluir que Hécate, essa fantástica figura mitológica, na peça *Macbeth* tem um papel mais importante do que simplesmente confundir as previsões feitas ao protagonista. Como mencionamos anteriormente e gostaríamos de frisar, ela simboliza o inconsciente de Macbeth, isso quer dizer que quando ele ouve e concorda com as previsões das bruxas, na verdade está ouvindo o seu próprio inconsciente e se deixando manipular por seus desejos, seus medos e seus monstros internos que faz com que ele se torne obcecado pelo poder. Por isso ele não mede esforços para acabar com aqueles que ameaçam o seu reinado.

4. A IRONIA PRESENTE NA PEÇA *MACBETH*

De acordo com Ernani Terra (1997, p. 115) *ironia consiste em dizer o contrário do que se está pensando ou em satirizar*. Porém muito, além disso, está a ironia utilizada por Shakespeare em suas obras. Segundo Bárbara Heliodora (1998, p. 116):

À medida que Shakespeare vai, por assim dizer, enxugando sua linguagem a fim de torná-la mais especificamente dramática, uma técnica de construção será cada vez mais desenvolvida a da ironia dramática: abrindo mão de comentários explícitos a respeito de determinadas ações, Shakespeare adota o hábito de oferecer ao espectador, em uma linguagem compacta mas densa de implicações e evocações, dois pontos de referência diversos, criando assim um contraponto de situações essencialmente irônicas que permitem ao público fazer suas próprias avaliações e tirar suas próprias conclusões. Passam a ser freqüentes as cenas contrastantes usadas para tal fim, porém a forma preferida será a do desnível de informação entre o que dois ou mais personagens sabem ou não, entre o que público sabe mas os personagens não, entre o que um mesmo personagem diz e uma realidade que ele mesmo ignora.

Em relação ao que foi dito acima, podemos dizer que a Tragédia *Macbeth* é considerada por A. C. Bradley e por Bloom como sendo a obra-prima da ironia shakespeariana. *As palavras de Macbeth sempre significam mais do que ele se dá conta, mas sua imaginação também está sempre à frente das palavras*. (BLOOM, 2000, p. 646). Isso percebemos quando lemos e relemos a obra, pois a ironia está presente, tanto nos diálogos do protagonista, quanto em seus monólogos, que muito revelam sobre seu caráter e sua personalidade. Um exemplo fácil de ser identificado é o que ocorre logo após o assassinato do rei, quando Macbeth demonstra-se triste pela perda do nobre para enganar os demais. Pois na verdade, sabemos que não é bem assim. É o que vemos na seguinte citação.

Macbeth: Tivesse eu sucumbido uma hora antes deste momento e dera por ditoso o meu tempo na terra; mas agora, a partir deste instante, nada sério deparei na vã mortalidade. Tudo é futilidade: honra e renome estão mortos; o vinho da existência esgotou-se até a borra e só lhe resta borra a esta triste adeg. (SHAKESPEARE, 1996, p. 41)

Em relação ao que foi dito Heliodora (1998, p. 117) afirma que:

Para os personagens que o ouvem, é claro, Macbeth está falando da terrível perda de um rei assassinado; mas para nós os espectadores, as implicações de se ter ele transformado em assassino naquela última hora trazem outro e mais complexo significado para toda a fala. É

nisso que prevalece a natureza irônica da cena, ou seja, o personagem sabe a verdade e finge ser o que não é para os demais, porém nós seu público ele não consegue enganar, pois acompanhamos atentos cada atitude sua.

Em um outro momento da peça, Macbeth usa novamente dessa ironia, em uma de suas falas, mostra-se arrependido de ter assassinado os camareiros, no entanto diz que não poderia tomar outra atitude, visto que gostava muito do rei. É o que constatamos abaixo:

Macbeth: Contudo, oh! me arrependo de, na minha fúria, os ter matado.

Macduff: E por que tal fizestes?

Macbeth : Quem pode ser prudente, transtornado? Cometido e furioso? Leal e neutro ao esmo tempo? Homem nenhum. O impulso do meu violento afeto antecipou-se ao freio da razão. (...). Quem, possuindo coração para amar e, dentro dele, coragem para provar o seu afeto, poderia conter-se, quem? (SHAKESPEARE, 1996, p. 42)

Na citação a cima, observamos do que Macbeth é capaz, o mesmo mente com tamanho cinismo e com isso revela-se um ser cada vez pior. Mostra-se capaz de tudo para chegar ao poder. Seja através mentiras, falsidades e assassinatos.

Além do que foi dito, na peça observamos que o próprio Macbeth reconhece a si e a sua esposa como pessoas falsas, que usam máscaras para esconder seus verdadeiros sentimentos. É o que vemos no diálogo abaixo:

Lady Macbeth: Ânimo, Alteza de minh'alma: adoçai o olhar severo e mostrai-vos afável e brilhante entre os vossos convivas hoje à noite.

Macbeth: Assim farei, amor, e tu, procede da mesma forma. Sejam para Banquo tuas melhores atenções: distingue-o com palavras e olhares. Triste necessidade a de lavarmos nossa grandeza em ondas de lisonjas, de fazermos os nossos rostos máscaras de nossos corações para ocultarmos, querida, o que eles são! (SHAKESPEARE, 1996, p. 54)

Neste diálogo percebemos mais uma vez presente o que Heliodora vai chamar de estilo irônico mais usado por Shakespeare, que é o fato do personagem e o público saberem a verdade e outros personagens não, porque embora Macbeth assuma com todas as letras que ele e sua esposa não são sinceros e que escondem de todos o que realmente se passa em seus corações, ele se mostra mais uma vez irônico. Pois pede para Lady Macbeth dar mais atenção a Banquo do que aos outros convidados no jantar, é aí que está à ironia porque antes de ter esse diálogo com ela, nós seus espectadores sabemos que ele contratou dois assassinos para matar Banquo e o seu filho Fleance, então não tem jeito dele estar presente durante a refeição para ser o alvo das atenções de

Lady Macbeth, pois estará morto. Dessa forma ele passa a ocultar a verdade de sua própria esposa que outrora era sua cúmplice em todas as suas ações

Não é por acaso que Bloom considera *Macbeth* a tragédia da ironia shakespeariana, pois até o príncipe Malcolm em seus primeiros diálogos com Macduff usa de ironia dizendo coisas de si que não são verdades para testá-lo. É o que vemos na seguinte citação:

(...) As virtudes que tanto aos reis incumbem – a justiça, a verdade, a firmeza, a temperança, a liberalidade, a fortaleza, a coragem (...) disso tudo não há vestígio em mim, antes abundo nas variadas feições de cada vício. Praticando-os de todas as maneiras. Sim! Tivesse eu poder e derramara no inferno o doce leite da concórdia; a paz universal subverteria; lançara em confusão a terra inteira! (SHAKESPEARE, 1996, p. 83)

Nesta citação observamos que Malcolm mente descaradamente, porque quer descobrir o que realmente Macduff pensa a respeito das virtudes que tem que ter um rei e como este deve agir, e se ele deveria ou não confiar no nobre que acabara de chegar à Inglaterra pedindo refúgio, afinal de contas ele tinha medo de Macduff ser como seu parente Macbeth um traidor, por isso joga com as palavras para descobrir suas verdadeiras intenções. Porém isso só descobrimos depois na sequência do diálogo. Assumimos que quando lemos essa fala ele nos surpreendeu. Levamos um susto porque até então, a última vez que ele tinha aparecido na peça foi quando combinava com seu irmão de fugir, pois para os dois era a única solução, porque se continuassem no reino, corriam sérios perigos de terem o mesmo fim que seu pai o rei Duncan. E agora ele aparece falando essas coisas falsas de si. A ironia aqui funcionou em duplo sentido, pois não só Macduff foi enganado no primeiro impacto, mas nós, seu público também o fomos.

Portanto, através de tudo que foi dito, podemos concluir dois pontos importantes: primeiro que a ironia é mais um brilhante recurso utilizado por Shakespeare capaz de surpreender não apenas seus personagens na trama em si, mas também nós seu público, ou como poderíamos dizer suas “vítimas involuntárias”. Segundo que é através da ironia que nosso dramaturgo nos revela um pouco mais sobre a personalidade de seus personagens, em especial de Macbeth e de tudo o que este é capaz de fazer para conseguir o que almeja.

5. AMBICÃO EXTREMADA E INVERSÃO DE VALORES

O que percebemos na peça é que é a ambição extremada que leva Macbeth e Lady Macbeth à inversão de valores. Ao lermos a obra vemos que o casal demonstra ser muito apaixonado, pois um exemplo claro é a carta que Macbeth escreve a sua esposa contando as profecias das bruxas de que ele seria rei. Aqui vemos que eles compartilham tudo, pois Macbeth demonstra-se ansioso em lhe contar as novidades. Novidades essas que desencadeiam um final trágico. Ou seja, os valores que Macbeth possui são testados. Nosso protagonista se mostra confuso frente a seus próprios desejos. Desejos esses que ele nem sabia que tinha, pois lhes eram ocultos. Do nada, sua vida e a de sua esposa se transforma em um caos total.

A primeira a demonstrar-se uma escrava da ambição pela coroa real é Lady Macbeth, que segundo Bloom (2000, p. 639) *ela a deseja; ele nada deseja*. Lady Macbeth demonstra ser uma mulher decidida e maquiavélica, que usa de toda a sua astúcia para convencer o marido a assassinar o rei e usurpar o trono. Apesar de muito hesitar, ele cede aos anseios da esposa e se deixa levar pela ambição. O desejo pelo poder e pela coroa passa a ser visto por eles como sendo o maior dos prazeres. De acordo com Heliodora (1998, p.139):

Ele tem, junto com a mulher, a ilusão de que a conquista da coroa, mesmo ao preço de um assassinato, lhes trará felicidade selará sua união. O crime, ao contrário, desagrega, individualmente, tanto a Macbeth quanto à sua mulher (...). Ou seja, ao invés de a coroa uni-los, ela os separa. Macbeth passa a se preocupar em manter o poder, se livrando de seus inimigos, cometendo um assassinato após o outro, com isso se torna um “assassino sanguinário”, por isso não tem tempo para dar atenção à esposa.

Isso se encaixa perfeitamente com que diz Staiger (1993, p. 149) quando afirma que:

O trágico surpreende o herói dramático inesperadamente. Este preocupa-se com seu problema seu deus ou sua idéia. Abandona o que não se relaciona com essa idéia, e não lhe dá maiores atenções (...). Desse modo Lady Macbeth é deixada de lado, Macbeth passa a não mais contar a ela seus planos nem pedir sua opinião.

Após assassinar o rei, Macbeth traz consigo os punhais que utilizou para cometer o delito, depois disso ele, não têm coragem de voltar à cena do crime e deixá-los lá. É Lady Macbeth que os leva e com isso acaba se sujando de sangue, ela não perde a chance de chamá-lo de fraco, pois a princípio considera uma coisa banal, simples como se um pouco de água bastasse para limpar as

mãos dele e dela do sangue de Duncan. Por ironia do destino é isso que provoca o fim de Lady Macbeth, pois de acordo com Heliadora (1998, p. 139) *incapaz de imaginar aquilo que dizia ser tão simples, só o fato de ver o rei morto e ensangüentado a leva à loucura. Sonâmbula, ela tenta limpar as mãos (...) que achara que um pouco d' água apagaria*. Em um de seus delírios durante uma de suas crises de sonambulismo, a mesma acaba revelando seu terrível ato a seu médico e sua Dama de Companhia, quando disse: *Sinto ainda o cheiro de sangue: nem todos os perfumes da Arábia poderão fazê-lo desaparecer desta mão pequenina. Oh!Oh!Oh!* (SHAKESPEARE, 1996, p. 93)

Através disso, chegamos à conclusão de que embora Lady Macbeth parecesse ser uma mulher muito forte, pois vivia chamando o marido de fraco, é ela quem enlouquece, se suicida e se desintegra, tornando-se mais uma vítima da sua própria ambição. Ao passo que Macbeth se torna a princípio mais assustador e aterrorizante.

Desse modo, podemos observar do que alguém é capaz de fazer e perder para conseguir o que almeja. Lady Macbeth perde a paz de espírito, a consciência dos seus atos, a atenção do marido, e principalmente a vida. Macbeth perde a esposa, os amigos, deixa de seguir seus valores, se torna escravo de sua ambição, supera todos os limites para satisfazer seus desejos. De fiel servo e primo do rei, se transforma em seu assassino. De defensor da corte, se torna seu carrasco. E para manter sua coroa e evitar que a outra profecia se realizasse (a que Banquo seria tronco de reis), foi capaz de mandar matar seu amigo Banquo e seu filho Fleance, porém este último por sorte conseguiu escapar.

Macbeth não pára de agir. Devido ao fato das aparições o alertarem contra Macduff, Macbeth passa a persegui-lo como um cão perdigueiro. Por isso, Macduff foge para a Inglaterra, e deixa sua família, pois nem imagina a chacina que esta irá sofrer. Terror e ação são o que mais nos chama atenção no protagonista. Segundo Heliadora (1998, p. 94): *A tragédia Shakespeariana (...) nasce primordialmente de ações (...) de determinados homens. O que estes fazem é que constitui o fator predominante (...)*. É essa ação que detectamos nas atitudes de Macbeth, que age e faz a sua parte, não fica só esperando que os desígnios se realizem por si mesmos. Isso verificamos no momento em que ele decide acabar com a família de Macduff:

Ó tempo, que antecipas meus terríveis projetos! O volúvel desígnio não será nunca alcançado se a ação não o acompanha. Desde agora andem sempre acertados os primeiros impulsos de minh'alma com os de minha mão. E por conseguinte, coroando meus pensamentos com a ação, pensado seja e logo cumprido: agora mesmo cairei

sobre o castelo de Macduff, tomarei Fife e passarei a fio de espada sua esposa, seus filhinhos e quanto tenham a infelicidade de ser de sua gente. Nada adianta bravatear como um louco. Agirei presto, antes que o meu propósito arrefeça. (SHAKESPEARE, 1996, p.75-76)

Nessa citação observamos que Macbeth luta contra o tempo para conseguir o que deseja que é a morte daqueles que ameaçam seu trono. Ele resolve agir ao invés de só pensar e falar. Aqui vemos claramente uma das características da tragédia renascentista de Shakespeare que coloca o homem no centro das atenções, pois o que observamos em Macbeth é que ele acredita sim nos desígnios, mas sabe que deve partir para ação, tomar as rédeas de seu destino e não ficar só esperando que as coisas caiam do céu de mãos beijadas. Desse modo, como não pode assassinar Macduff, porque ele havia fugido ele atinge sua esposa, filhos, servos e quem mais lhe por em seu caminho. Agindo assim Macbeth mostra-se um homem impiedoso e cruel que não polpa nem as crianças. Isto possivelmente pode estar relacionado ao fato dele não ter filhos, conforme Bloom (2000, p. 647): *Incapaz de gerar crianças, Macbeth as extermina*.

Nesse ponto da peça, percebemos uma das características presentes nas tragédias shakespearianas, o protagonista age e some de cena para tomar um fôlego e dá oportunidade de seu inimigo agir, ou seja, primeiro ele avança, depois recua. Conforme Heliodora (1998, p. 111):

(...) uma vez devidamente elaborada tudo o que o protagonista precisa vivenciar antes da catástrofe, o autor o retira de cena. Hamlet fica fora por 504 linhas (Macbeth por 431, Otelo, com duas interrupções de nove ou dez linhas, por 362, Lear por 499). É como se o poeta julgasse que todos, personagens e público, precisassem de um tempo para assimilar e amadurecer tudo o que até então acontecera; e se me permitem a lêse majesté, o poeta, como homem de teatro, dá a seu protagonista, enquanto ator, a oportunidade de tomar fôlego antes da catástrofe final.

E enquanto Macbeth sai de cena e juntamente com o público se recupera, uma série de acontecimentos ocorrem que abalam profundamente seu reinado. O principal deles é o fato de que quando Macduff foge, ele se alia a Malcolm um dos filhos de Duncan, que buscou refúgio junto ao rei da Inglaterra após o assassinato de seu pai. O jovem conseguiu o apoio do rei Inglês que lhe cedeu um exército de dez mil homens e decidido buscava o momento certo para agir e tirar o assassino Macbeth do trono que usurpara. Quando Macduff recebeu a trágica notícia da chacina contra a sua família e servos ele jurou vingança contra o autor de tal façanha. A partir daí, Malcolm partiu para ação, comanda o exército auxiliado por seu tio Siward e por Macduff.

Quando chegam à floresta Birnam, Malcolm tem a brilhante idéia de camuflar o exército com ramos das árvores. É o que vemos na seguinte citação:

Malcolm: Corte cada soldado um ramo dela e se esconda atrás dele: assim marchando encobriremos o efetivo exato de nossas forças, estorvando o cálculo aos nossos inimigos.
(SHAKESPEARE, 1996, p.100)

Ao ficar sabendo que uma floresta vem marchando em sua direção Macbeth mais do que espantado, se sente angustiado, pois isso significa que seu fim está próximo e que as bruxas o enganaram ao distorcerem as previsões, que lhes fizeram. É o que vemos no diálogo entre Macbeth e um de seus mensageiros:

Mensageiro: Estando eu de sentinela no alto de uma colina, volvi os olhos em direção de Birnam e eis que vejo mover-se o bosque.

Macbeth: Se não for verdade, mandarei que te pendurem vivo à árvore mais próxima, onde morras de fome. Mas se for como disseste, não se me dá que a mim faças o mesmo. Já não posso dar rédeas à confiança. E entro a desconfiar das profecias equívocas do demo, que nos mente sob a cor da verdade: “Não receies até que Birnam venha a Dunsinane”. E agora uma floresta vem marchando em direção a Dunsinane. (...) Se é verdade o que este nos refere, não adianta fugir daqui ou aqui quedar. (...) Ora sus, ao inimigo! Ventos, soprai! Catástrofe, abatei-vos! Ao menos morreremos combatendo.
(SHAKESPEARE, 1996, p.102)

Nesse diálogo percebemos que Macbeth passa a desconfiar das profecias das bruxas ou como ele mesmo diz: do “demo”. Mesmo sabendo que a floresta vem marchando em direção a Dunsinane, ele se mostra decidido e corajoso e não “entrega os pontos”, pois se tiver que perder a vida prefere morrer lutando. É essa determinação que faz com que nos identifiquemos com Macbeth, pois ele não desiste nunca do que quer. Segundo Bloom (2000, p. 665) *Macbeth excede-nos, em energia e tormento, mas também nos representa, e o descobrimos dentro de nós, cada vez mais vivo quanto mais fundo mergulhamos*. Isso quer dizer que embora escolha caminhos tortuosos é a sua garra e seu desejo de vencer que nos cativa. No entanto isso se torna pavoroso e assustador quando o próprio Bloom (2000, p. 663) nos mostra um lado nosso que preferimos não enxergar conforme o mesmo:

Por mais intensamente que nos identifiquemos com ele, Macbeth é mais assustador do que qualquer criatura por ele confrontada, daí a insinuação de que podemos ser mais assustadores do que qualquer coisa que nos cerca. E o reino de Macbeth, como o nosso, pode encerrar um contexto pavoroso.

Essa citação nos faz refletir sobre nós mesmos, o mundo que vivemos e as atitudes que tomamos frente às adversidades, se achamos o mundo de Macbeth pavoroso talvez seja porque ainda não conhecemos a fundo o nosso próprio, que pode ser igual. Cabe a nós diferenciá-lo. Essa é segundo Bloom (2000, p. 27) *a função de Shakespeare, (...) dar vida a mente, tornar-nos conscientes daquilo que jamais descobriríamos (...) sozinhos*. Ou seja, cabe a ele fazer com que através de suas peças e de suas personagens consigamos enxergar, embora não assumamos nossas fraquezas, desejos e frustrações.

Segundo Heliadora (1998, p. 141) no que se refere a Macbeth o último laço que o unia a esperança é : *a garantia das bruxas de que só teria de temer homem não parido de mulher - é destruído quando Macduff (...) revela que nasceu por cesária, tirado ao ventre materno*. Isso para o nosso protagonista representa a “quebra do encanto” e faz com que ele se sinta um alvo fácil. É o que vemos no diálogo abaixo entre Macduff e Macbeth:

Macduff: O teu encanto não vale contra mim. Diga-te o anjo que é teu senhor: “Macduff foi arrancado do ventre de sua mãe antes do tempo!”

Macbeth: Amaldiçoada língua a que o revela! Pois assim me acobarda a melhor parte de homem em mim. Ninguém mais fie agora desses dúbios demônios, que se riem de nós com seus equívocos; que sopram a palavra aliciante ao nosso ouvido e não a cumprem.(...). (SHAKESPEARE, 1996, p.106)

Não podemos deixar de salientar que essa situação vivida por Macbeth se encaixa no que Aristóteles (s/d, v. 61, p. 210) vai chamar de reconhecimento. Segundo o mesmo, o “reconhecimento”, *como indica o próprio significado da palavra, é a passagem do ignorar ao conhecer, que se faz para amizade ou inimizade das personagens que estão destinadas para dita ou para a desdita*. Ou seja, na tragédia Macbeth o reconhecimento ocorre quando nosso herói descobre que as bruxas (influenciadas por Hécate) o enganaram em relação ao verdadeiro significado das aparições que diziam que homem nenhum nascido de mulher poderia matá-lo e que ele só seria derrotado quando a floresta de Birnam marchasse rumo a Dunsinane. E isso como vimos aconteceu, mas de maneira bem destorcida e diferente do que imaginava Macbeth. Ocasionalmente assim sua queda.

Dessa forma se cumpre à profecia, Macduff não só mata Macbeth, mas também lhe arranca a cabeça. Assim sendo, Malcolm torna-se o novo rei da Escócia.

Ao término deste capítulo percebemos que foi a ambição extremada, que levou Macbeth a inversão de valores. Nosso herói teve suas qualidades postas a prova, pois como Lady Macbeth disse ele tinha em sua natureza o *leite da ternura humana*, mas como vimos, ele também carregava em si seu próprio inimigo. Por isso ele viveu em conflito consigo mesmo, travando mesmo sem saber uma luta com seu inconsciente (que na peça é representado pela deusa Hécate). Porém nessa luta entre o bem e o mal, quem venceu foi o desejo ardente pela coroa.

Em relação as seguintes questões levantadas no início de nosso trabalho: Existem limites para ambição de Macbeth e Lady Macbeth? Será que eles estão mesmo dispostos pagar um alto preço por ela? Podemos concluir que o casal Macbeth, torna-se sim capaz de superar todos os limites na ânsia pelo poder. Pois os mesmos não respeitam nem os laços de sangue que os envolve ao rei. Tamanha é a ferocidade de Macbeth que ele também é capaz mandar assassinar seu melhor amigo Banquo e os filhos de Macduff, agindo assim ele não respeita a amizade e nem tem piedade para com criança indefesas. Vemos que o casal paga com suas vidas um alto preço por suas ações. Lady Macbeth não suporta o remorso pela morte do rei, acaba enlouquecendo e se suicidando. Macbeth sozinho no poder descobre ter sido traído pelas três feiticeiras. E ao enfrentar Macduff, nosso protagonista acaba morrendo. O fato de morrer em combate demonstra o caráter elevado de Macbeth, visto que apesar de tudo que fez uma coisa ele manteve firme e intacta a sua Arete, pois em nenhum momento demonstrou covardia frente ao seu opositor. Morreu sim, mas lutando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A peça *Macbeth* embora seja considerada a mais compacta de todas as Tragédias de Shakespeare nos surpreende, pois nos oferece a oportunidade de refletirmos o caráter e os conflitos humanos. Vemos em Macbeth e Lady Macbeth um casal apaixonado que, tinha até uma boa condição social, visto que nosso protagonista era general e primo do rei, além disso, possuía os títulos de Tane de Glamis, e de Tane de Cawdor. Mesmo assim, nosso herói e sua esposa se deixaram iludir pelas previsões das diabólicas bruxas.

Macbeth se deixou manipular primeiro pelo seu inconsciente (Hécate), porque no seu íntimo já desejava a coroa. Depois pelas bruxas e por fim por sua esposa. Como vimos durante análise da obra, o casal mostra-se capaz de tudo para chegar ao poder, até de usurpá-lo cometendo um crime hediondo contra o próprio sangue. E para se manter governando nosso protagonista se mostra impiedoso para com todos. Não há limites para sua crueldade. Porém o preço que o casal teve que pagar foi alto demais, visto que ambos perderam a vida.

Acredito que o estudo dessa peça em questão, mais do que um Trabalho de Conclusão de Curso nos proporciona a chance de conhecermos um mundo novo. Isto é, através de Macbeth e Lady Macbeth, enxergamos um caminho nunca antes percorrido, vemos em suas atitudes os nossos desejos, medos, frustrações e incertezas.

A ambição que existe dentro de nós pode ser maior ou menor do que a deles, a diferença está se conseguimos controlá-la ou não. O casal Macbeth não conseguiu, ultrapassaram todos os limites, principalmente Macbeth que inverteu todos os valores que carregou dentro de si toda sua vida. Sendo assim, fica a questão: Será que teríamos a mesma coragem? Estaríamos dispostos a pagar o preço por isso? Macbeth e sua esposa pagaram, e com suas vidas. Tudo porque ousaram como o próprio Macbeth mesmo disse em uma de suas falas: *Ousarei tudo que um homem pode ousar!* (SHAKESPEARE, 1996, p. 61). Teríamos nós a mesma coragem de por um ideal arriscar-mos o que temos de mais precioso?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Arte poética**. Coleção Universidade de bolso: Ediouro, s/d.

BLOOM, Harold. **Shakespeare: a invenção do humano**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

_____. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BURGESS, Anthony. **William Shakespeare**. In: **A literatura inglesa**. São Paulo: Ática, 1996.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 18 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

COSTA, L. M. et al. **As Bacantes, de Eurípides**. In: **A tragédia: estrutura & história**. São Paulo: Ática, 1988.

EURÍPIDES. **As Bacantes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, s/d.

FRYE, Northorp. **Anatomia da crítica**. São Paulo: Cultrix, s/d.

HELIODORA, Bárbara. **Falando de Shakespeare**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LIMA, José Leonildo; SILVA, Teresa de Pazos da. **Roteiro: para elaboração de trabalhos acadêmicos e monografia**. Pontes e Lacerda: Unemat, 2005.

ROSENFELD, Anatol. **Shakespeare e o pensamento renascentista**. In: **Texto/Contexto I**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

SHAKESPEARE, William. **Macbeth**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Hamlet**. 15 ed. São Paulo: Ediouro, 1997.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

TERRA, Emani. **Curso prático de língua, literatura & redação**. São Paulo: Scipione, 1997.